

O DIÁRIO REFLEXIVO NO ESTÁGIO DA PEDAGOGIA A DISTÂNCIA: ASPECTOS FORMATIVOS PARA PROFESSORES EM EXERCÍCIO

Ana Paula Gestoso de Souza¹; Adriana Helena Bueno²; Ana Lucia Masson Lopes³; Dirce Semensato⁴; Elisa Gomes Magalhães⁵; Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira⁶

Grupo 2.1. *Docência na educação a distância: Formação e saberes*

RESUMO:

Investigamos de que maneira o Diário Reflexivo pode se configurar como uma ferramenta formativa, para alunos de um curso de Pedagogia a Distância que são professores atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Analisamos registros feitos na ferramenta Diário por quatro alunas-professoras. Tendo como referência estudos sobre a formação de professores (Mizukami, Ramos) e sobre utilização de narrativas (Cunha), os dados foram descritos e analisados partindo de temas como: a conexão entre as vivências no estágio e as vivências enquanto professora; a interação entre a estagiária e a professora que recebe os estudantes; dificuldades do estágio e as reflexões conectadas com a teoria. Concluímos que o diário reflexivo se configura como um espaço pessoal, onde as alunas-professoras, ao teorizarem sobre suas experiências no estágio, puderam, também, refletir a própria prática e resignificar a profissão.

Palavras-chave: *Formação de Professores; Diário Reflexivo; Aprendizagem da docência.*

ABSTRACT:

REFLECTIVE DIARY IN INTERNSHIP IN DISTANCE COURSE OF PEDAGOGY: FORMATIVE ASPECTS FOR TEACHERS IN SERVICE

We investigate the ways of the Reflective Diaries can be set as a formative instrument for students in a Distance Course of Pedagogy who are also teachers acting in the early years of Elementary School. We analyzed records in the instrument Reflective Diary done by four students with teacher education in high school. Having as a reference studies on teacher's education (Mizukami, Ramos) and on the utilization of narratives (Cunha), the data were described and analyzed about some themes: the connection between internship experiences and experience as a teacher; the interaction between trainee and the school teacher; the difficulties of the internship and the reflections connected with the theory. We concluded that the Reflective Diary is a personal space, where the student-teachers, while theorize about their experiences in the internship, could also reflect on their own practice and with it reframe the profession.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - ana.gestoso@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - adrianabuen@gmail.com

³ Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - massonlopes@gmail.com

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos- UFSCar - disesm@gmail.com

⁵ Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - elisagmagalhaes@gmail.com

⁶ Professora do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – rosa@ufscar.br

Keywords: *Teacher Education; Reflective Diary; Teacher's Learning.*

1. Introdução

Compreendemos a formação docente como um *continuum* (MIZUKAMI et al., 2003), que se inicia no período de escolarização e tem continuidade por toda a carreira do professor. Nesse sentido, consideramos a importância dos cursos de formação para propiciar que os docentes construam e ampliem um cabedal teórico-prático que possibilite e impulse sua aprendizagem ao longo da sua carreira profissional.

Considerando o perfil dos participantes deste estudo, professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com formação em nível médio, retomamos a perspectiva de Ramos (2011) ao destacar os cursos de formação inicial em serviço como “[...] espaços a contribuir para o resgate, a reflexão e a investigação das trajetórias de vida pessoal e profissional destes professores” (RAMOS, 2011, p. 134) e assim valorizar e (re)significar suas habilidades, crenças, valores e conhecimentos nas dimensões pessoal e profissional.

A disciplina de Estágio Supervisionado, aqui tratada, faz parte do curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de São Carlos, realizada no primeiro semestre de 2012, sob a responsabilidade de uma docente, também autora deste trabalho. Para a disciplina, foram criadas quatro salas de aula virtuais com aproximadamente trinta alunos e duas tutoras virtuais por sala. Esta pesquisa foi realizada com duas salas de aula e com quatro alunas-professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Buscamos investigar quais as possibilidades do Diário Reflexivo se configurar como uma ferramenta formativa para professores em exercício. Para tanto, analisamos o conteúdo dos registros feitos por essas alunas-professoras nesta ferramenta, considerada no contexto da disciplina, um espaço pessoal, onde cada aluno pode refletir sobre sua experiência vivenciada ao longo das inserções numa sala de aula com o acompanhamento de uma professora regente da escola. É importante ressaltar que neste estudo foram utilizados diários online. A ferramenta Diário, na plataforma moodle, permite o desenvolvimento de uma atividade assíncrona de alunos e tutores virtuais, possibilitando a leitura e o envio do feedback do tutor a cada postagem do aluno. Isso favorece a retomada do que foi escrito e a reelaboração, conforme solicitado no feedback. Considerando que um diário escrito em papel ou mesmo digitado, deve ser entregue para avaliação e o aluno deve aguardar o retorno para a refacção, a ferramenta Diário facilita a interação tutor-aluno, permitindo o acesso logo após a sua escrita e a rápida intervenção do tutor, ampliando as possibilidades reflexivas do diário.

Nesse sentido, cada diário foi analisado enquanto uma narrativa de formação das alunas-professoras. Corroboramos assim com Cunha (1997) ao afirmar que:

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997, s.p.).

A partir da leitura das narrativas dos Diários, enquanto uma representação das vivências pessoais das alunas-professoras consideradas como sujeitos de sua própria história, buscamos realizar a análise do conteúdo dos mesmos considerando os seguintes temas: Conexão entre as vivências no estágio e as vivências enquanto professora; a Interação entre a estagiária e a Professora-Tutora Regente (que recebe a estagiária na escola); a Reflexão sobre a prática da Professora-Tutora Regente; as Dificuldades do estágio; as Reflexões conectadas com a teoria. A seguir, são indicadas algumas referências teóricas que nortearam o trabalho.

2. Fundamentação teórica

2.1 Os diários na formação de professores

Os diários, como forma de expressão da escrita pessoal dos sujeitos, atuam também na expressão das reflexões, aprendizagens e elaborações que os professores em processo de formação desenvolvem evidenciando seus saberes e suas ações diante dos momentos de formação. Nesse sentido, Zabalza (1994) aponta as contribuições e utilidades que esta ferramenta apresenta, especialmente no que se refere ao desenvolvimento profissional docente em sua formação ao longo da vida, como um recurso para se obter acesso ao mundo pessoal dos docentes onde se torna possível explicitar seus dilemas, seus novos conhecimentos, a (re) construção de saberes, avaliar o processo de formação e reajustá-lo.

Dessa forma, compreendendo os Diários para além de um instrumento de registro e considerando-os como narrativas de formação, corrobora-se com a perspectiva de Souza (2006) que entende a experiência como a essência da narração:

Uma vez que as narrativas assumem e desempenham dupla função, primeiro no contexto da investigação, configurando-se como instrumento de recolha de dados sobre o itinerário da vida do(a) professor(a) em processo de formação inicial/continuada, e, em segundo lugar, no contexto de formação de professores, constituem-se como significativo instrumento para compreensão do desenvolvimento pessoal e profissional. (SOUZA, 2006, p. 583)

Sendo assim, compreende-se que por meio das narrativas expressas nos diários, os professores elucidam seus percursos e saberes da docência em sua formação ao longo de sua vida profissional. Nesse processo de escrita, ao ter a possibilidade de dialogar consigo mesmo e avaliar os fatos registrados e a relação destes com a situação vivenciada, o docente reflete, aprende e (re) constrói seus saberes e suas ações.

2.2 Estágio Supervisionado para a Docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O Estágio Supervisionado pode favorecer aos professores estagiários um momento de análise do cotidiano de trabalho dos professores em sala de aula, além de propiciar a articulação entre o falado e o vivido nos cursos de formação. Essas constatações apresentadas por Pimenta e Lima (2008) também nos levam a refletir sobre

o sentido do Estágio para os professores que já atuam nas salas de aula e voltam à escola na condição de estagiário. As autoras apontam que o estágio atua como fonte de reflexão da prática pedagógica aos professores em exercício e como uma iniciação aos alunos que adentram a escola na condição de estagiários, ou melhor, dizendo, de futuros professores.

Nesse sentido, a disciplina de Estágio Supervisionado encaminha os alunos para o estudo e o desenvolvimento de atividades práticas nos contextos das escolas públicas e visa possibilitar que os estagiários (re)signifiquem seus olhares sobre a escola, desenvolvam uma conduta investigativa nos âmbitos administrativos e pedagógicos estimulando os graduandos a refletirem e a se posicionarem com autonomia diante do cotidiano escolar na articulação entre teoria e prática (PIMENTA, 2006).

A disciplina investigada iniciou-se com a revisão de conceitos e temas já estudados ao longo do curso destacando a importância do estágio, o processo de desenvolvimento do professor reflexivo e as contribuições do Diário para esse desenvolvimento profissional.

Após esses estudos, os estagiários iniciaram as inserções na escola e foram devidamente orientados+. Ressalta-se que os estagiários, além da tutora virtual, foram também acompanhados pelas professoras-tutoras regentes que participaram do Programa “Formação continuada de Tutores Regentes para o curso de Licenciatura em Pedagogia” cujo objetivo é preparar e orientar essas professoras no acompanhamento dos estagiários.

Depois de cada inserção na escola, os estagiários realizaram registros no “Diário Reflexivo” e as tutoras virtuais fizeram intervenções sobre o conteúdo e a forma como foram apresentadas e interpretadas as observações e vivências adquiridas. O estudo de Souza et al. (2012) indicou a necessidade de o supervisor de estágio oferecer *feedbacks* diante dos acontecimentos, dos sentimentos, das perspectivas e das opiniões relatadas. Assim, o formador pode ter ciência das experiências vivenciadas, dos sentimentos, dos dilemas e das opiniões; e, a partir desses elementos, propor questionamentos, interpretações e perspectivas que proporcionem a reflexão e a análise dos fatos vivenciados pelos graduandos.

Os estagiários também foram orientados a elaborar planos de aula, aplicá-los e fazer a avaliação dessa experiência.

Todo esse processo formativo foi sistematizado em um Relatório Final sob a orientação das tutoras virtuais e houve o Fórum de Socialização nos Polos Presenciais onde foram apresentadas as experiências vividas, impressões e conclusões sobre o estágio.

3. Discussão e análise dos dados

Com relação ao modo de apresentação das informações nos Diários Reflexivos, verificou-se que as quatro participantes fizeram registros dos acontecimentos vivenciados ao longo do estágio. Duas registraram indícios de suas reflexões sobre a experiência do estágio e os dilemas vividos e duas aprofundaram suas análises teorizando as práticas

observadas e vividas. Destaca-se, também, que três alunas-professoras fizeram relatos e reflexões conectando as vivências no estágio com suas práticas, enquanto docentes.

Em nossas reflexões trataremos as participantes desta pesquisa com a sigla AP (Aluna-Professora), sendo assim, ficamos com: AP1, AP2, AP3 e AP4. A seguir discute-se os conteúdos dos diários focando os eixos de análise descritos anteriormente.

A interação entre Tutora Regente (TR) e estagiário é um dos caminhos para pensarmos na promoção do desenvolvimento profissional docente. A partir dos registros dos Diários Reflexivos, foi possível elencar aspectos relevantes para discutirmos sobre a **importância da interação entre TR e estagiário e do refletir sobre a ação docente**.

Os registros mostram que as APs, em diversos momentos, se atentaram para as ações e decisões das TRs, colocando-se em uma posição de observadoras da prática do outro. Essa interação também envolve o diálogo e nesse processo uma aprende com a outra. Como podemos constatar analisando o registro de AP2 ao relatar um episódio que envolve a leitura da aluna R:

R não mudou sua estratégia, na tentativa de escrever suas boas ideias vai soletrando no seu jeito nordestino. A professora insiste paciente e bondosamente para que ela não o faça. Conto para E. que minha mãe (quando ainda não tinha nem o Fundamental I completo) fazia assim ao escrever a lista de compra ou mesmo para nos ajudar nas tarefas escolares, mas que depois que voltou a estudar, isso acabou e ela concluiu o Ensino Médio. E. se admirou, digo que esta forma não é estranha para mim e que R. deixará de fazer logo que se sinta segura para escrever sem soletrar. (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

Nesse episódio constata-se a reflexão de uma experiência pessoal da AP2 e sua mãe relacionando com a situação vivida na sala de aula onde o estágio foi realizado.

Nas interações que as APs estabeleceram com as TRs e, ao olhar a sala de aula em que estiveram inseridas, elas refletiram sobre a prática da TR e **estabeleceram relações com a atuação profissional**, ou seja, suas próprias atuações.

No registro abaixo, vemos que a AP1 discorda das avaliações desenvolvidas pela TR, na sala onde estagia, ao compará-las com as suas.

A avaliação é bem tradicional e estava distribuída em apenas três folhas: texto, interpretação e gramática. Eu particularmente gosto de avaliações com mais espaço, mais informações, poemas pequenos, textos informativos e introduções nas questões que, por si, já representam um instrumento de aprendizagem. Não estou julgando o trabalho da TR, pois perguntei como as provas são elaboradas e ela disse que é um trabalho feito com o grupo dos 5º anos e todas as salas aplicam a mesma prova. (AP1, Diário Reflexivo, 2012)

Apesar de não concordar com a avaliação que ela considerada tradicional, parece compreender que houve um trabalho conjunto para a formulação da mesma, como acontece em sua escola: *“Esse fato não me causou estranhamento, pois no colégio em que trabalho, apesar de ser uma instituição particular, todas as turmas fazem provas iguais e nas mesmas datas. Claro que são menos tradicionais”* (AP2, Diário Reflexivo, 2012).

Durante o período da experiência em sala de aula, foi registrado no Diário Reflexivo de AP2 um questionamento em relação à eficácia pedagógica da atividade que foi elaborada pela TR, na qual a AP, também havia participado:

Como eu havia presenciado a produção de texto da raposa e as uvas, disse para a E que poderia fazer a revisão, se ela assim concordasse. Ela aceitou e eu trouxe para casa todas as produções das crianças. Como essa reescrita foi feita com a intervenção de nós duas tinha poucos erros (sabe que eu fiquei encasquetada com esta questão: a reescrita foi válida com nossa intervenção? Se queríamos saber o que as crianças ainda não sabiam não seria melhor não acompanhá-las? Mas também penso no outro lado, enquanto fazemos intervenções eles também aprendem procedimentos de escritores e mesmo de revisores, não é?). (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

Este episódio nos leva a compreender o quanto é importante vivenciar a sala de aula de outra professora para podermos visualizar algumas questões que, até aquele momento para a AP, poderia não ter sido questionável.

Outra passagem em que é possível observar uma reflexão sobre o trabalho que a TR e a AP realizam, é quando a AP diz que a TR valoriza a participação das crianças durante uma atividade matemática, pois “[...] pergunta aos alunos qual dos cálculos é o mais fácil [...]” (AP2, Diário Reflexivo, 2012) e continua:

Ao ver a habilidade de determinadas crianças em escolher o algoritmo para resolver a situação proposta, fico pensando que este é um conteúdo importante. Lembro-me de uma época, em meados de 90, que falavam que era proibido trabalhar com os algoritmos. Nós professores até trabalhávamos, mas nunca o fazíamos no caderno, sempre em folhas avulsas. Somente agora na faculdade fui compreender que não devemos é trabalhar somente a técnica operatória, principalmente antes que os alunos desenvolvam os conceitos básicos sobre operações. Segundo Passos e Romanatto (2010, p.52), devemos partir de situações-problema para que os alunos desenvolvam os conceitos concernentes à adição e subtração. Estes autores garantem que dessa forma o aprendizado se dá de forma mais efetiva. No entanto, ela reflete que agora no curso de Pedagogia ela pode estabelecer maiores relações entre a prática realizada e a teoria estudada no curso. (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

Esse registro indica a vivência da aluna como professora em uma época diferente da atual. Nele, ela comenta que agora é possível compreender, através da graduação que está cursando, a relação teórica da prática observada com o estágio.

De acordo com as colocações da AP2, visualizamos que há uma reflexão sobre a sua prática, pois pensa em proceder da mesma maneira, ao dizer:

A aula da E. hoje me fez pensar na paciência que o professor precisa ter para não acabar se antecipando e fazendo as tarefas pelos alunos. A professora revelou respeitar o tempo dos alunos deixando que eles resolvessem e levando-os a participarem da aula de diferentes formas. (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

A AP2, ao observar algumas das estratégias que a TR utiliza para gerenciar a sala de aula, pensa sobre como ela, enquanto professora, age em sua sala de aula e registra essas reflexões em seu diário.

[A professora E.] Coloca o horário no cantinho da lousa e orienta-os para que peguem o caderno. Faz aquele sinal na lousa e eles, tão espertos e vívidos, já sabem que devem anotar a data e o nome completo (imagino quantos dias E. cobrou deles este procedimento para que eles estejam assim habituados, ela tem algo que me falta: perseverança. Faço um combinado com meus alunos, me canso no terceiro dia e relaxo, não é positivo, eu sei!). (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

Penso que E. está tentando "ganhar" tempo, pois ela sempre comenta que o período diário que os alunos passam na escola é muito pequeno e eu concordo com ela, além de o tempo ser pouco para o tanto que as crianças precisariam aprender ainda temos que lidar com uma série de contra-tempos que quase sempre não sabemos como resolver. Na minha turma, por exemplo, que se trata de alunos maiores perde-se muito tempo com "bate-boca". Nestas situações, eu que em outros tempos já esbravejei muito, tento acalmar as crianças dizendo que precisamos ser tolerantes, pacientes, que o colega não agiu por mal. Às vezes resolve, mas em outras. (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

Nesses registros, AP2, ao ter contato com a prática de outro professor, se mostra incomodada com suas ações e começa a pensar sobre outras maneiras de gerenciar o tempo didático e as ações rotineiras da aula. A reflexão sobre a sua prática continua quando relata um exemplo que considerou muito bom:

Vi nesta aula um bom exemplo de improvisação de recursos e compromisso da professora, como os livros do programa "ler e escrever ainda não havia chegado, E. pegou o livro de Ciências das crianças (que está no último ano de uso, vão ser substituídos no próximo ano) e recortou o texto que tratava do tema trabalhado na sequência didática do Ler e Escrever e colou no caderno de cada aluno. Sem perder tempo (coisa que ela preza muito) fizeram a leitura compartilhada, depois ela retomou a leitura de cada parágrafo perguntando para as crianças quais ideias eram importantes ali. (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

Observamos que AP4 também registra que transpõe para sua prática as aprendizagens oriundas da interação com a TR.

Mais uma vez foi muito bom ter contato com o trabalho da professora L. com a qual já havia realizado o Estágio I. As oportunidades para a reflexão da prática docente foram constantes, não apenas ao relacionar a teoria com a prática, mas para mim, também a prática com a prática, haja vista que também trabalho com uma turma de 5ºano, assim como a professora L. Em geral foi possível pensar sobre a importância da reflexão nas práticas pedagógicas, da forma como estas estão relacionadas à superação de dificuldades pessoais e das dificuldades em lidar com os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, o que sempre implica num novo pensar sobre as metodologias a serem trabalhadas. A experiência das trocas com a tutora regente é assim, muito positiva. (AP4. Diário reflexivo, 2012)

AP1, ao relatar às suas expectativas iniciais sobre o estágio, concebe esse período de sua formação como um momento para observar e pensar sobre a prática de outro professor e, a partir disso, pensar sobre sua prática atual e futura.

Sinto que esse período será muito gratificante para mim, não só em relação às aprendizagens, mas também no sentido de que poderei vivenciar uma turma da mesma idade da turma que eu tive até há alguns anos. Por 14 anos eu trabalhei com turmas de 5º ano, a antiga 4ª série, e sempre gostei das experiências que vivenciei junto com eles, isso sem falar das atividades desenvolvidas, que eram cheias de entusiasmo. Os alunos eram mais independentes e o diálogo mais fácil de ser estabelecido. Acredito que poderei refletir minha prática ontem e planejar como ela será no futuro. (AP1, Diário reflexivo, 2012)

Constata-se que o olhar para o outro e para os “modelos” de experiência estavam presentes no estágio e foram geradores de aprendizagem. Sendo assim, a interação das APs com as TRs mostrou ser um caminho para superar o ensino individualista criticado por diversos autores como Shulman (2004), Marcelo e Vaillant (2009) entre outros. De acordo com Shulman (2004) é difícil, para o professor, se colocar em atividade e refletir sobre um fenômeno sozinho. Por isso o autor enfatiza a importância de superar o individualismo, que marca a profissão docente, e olhar para a prática do outro e aprender com ela.

Os dados apresentados evidenciam a importância da interação entre uma TR e uma AP, pois a partir deste encontro é possível compreender, refletir, modificar, aprimorar, utilizar as práticas pedagógicas e os conhecimentos, almejando a melhoria do processo de ensino/aprendizagem.

Indo além da discussão sobre a interação com as TRs e as potencialidades desta, verificou-se que outras atividades propostas pela disciplina de Estágio Supervisionado possibilitaram que as APs **conectassem as vivências no estágio com as vivências enquanto professoras.**

Para AP2, por exemplo, o momento de planejar e registrar esse processo em um plano gerou uma reflexão sobre uma dificuldade que enfrenta enquanto professor e que reaparece quando se coloca como estagiária.

Na verdade, a parte mais difícil para mim foi fazer o plano de aula, nunca aprendi muito bem. Este modelo adotado nesta disciplina é bem pontual e exige de quem vai fazê-lo bastante clareza. Mas foi bom porque agora quando vou planejar algo para minha turma penso neste modelo, assim cada passo da aula fica claro. As intervenções da tutora, que pede-nos que refaçamos um ou outro tópico, que esclareçamos melhor o objetivo ou algo assim, foram primordiais para planejar e executar a aula. (AP2, Diário Reflexivo, 2012)

A AP destaca a atividade de planejamento como formadora e indica como primordial o conteúdo do *feedback* da TR possibilitando a refacção da atividade. Assim, a atividade pode ser potencialmente formativa, mas isso só se concretiza no processo de acompanhamento por parte dos formadores.

Outro elemento registrado, no Diário Reflexivo, pelas APs, envolveu as **dificuldades do estágio.**

Na experiência de algumas das autoras deste estudo, enquanto tutoras virtuais da disciplina, são recorrentes as narrações que se referem às dificuldades vivenciadas no estágio. Ao elencarmos esse eixo temático como norteador das análises, especificamente nos Diários Reflexivos de APs, pudemos observar quais foram as dificuldades encontradas por elas que já atuam enquanto docentes.

Observamos inicialmente que estagiar na sala de aula de uma colega de trabalho ocasiona dificuldades, pois a AP poderá não se sentir confortável enquanto estagiária.

Hoje fiquei pouco à vontade para intervir junto aos alunos. A professora estava muito séria, parece que tinha acontecido algum incidente antes que eu entrasse na sala. Fiquei muito constrangida com alguns comentários e se pudesse, teria dado meia volta e desaparecido. (AP1, Diário Reflexivo, 2012)

Outra dificuldade pode ser percebida no que se refere ao desenvolvimento de uma aula-regência. AP1 ao fazer o registro de uma situação, retrata seu desconforto e, sem entrar em detalhes, apresenta um problema por buscar desenvolver uma aula em grupo e a TR não aceitar tal organização. No desenvolvimento de outra regência (Geografia) a AP narra:

Reconheço que eu estava bastante apreensiva por causa dos contratempos que enfrentamos na de matemática, na qual tivemos que “cortar” algumas atividades que eu julgava serem importantes para as crianças, como por exemplo, cada grupo planificar a embalagem para depois reconstruir o sólido individualmente. Bem, superada a frustração, mas sem estar preparada para repetir a situação eu me encontrava, assim como já disse, um tanto preocupada. (AP1, Diário Reflexivo, 2012)

A questão da regência foi uma temática muito mencionada pelas participantes desse estudo. Assim, AP2 apresenta dificuldades em pensar no tema a ser desenvolvido e planejar a aula: “Bem eu nem preciso escrever que não foi fácil escolher o tema e fazer o planejamento de aula, mas enfim sobrevivi.” (AP2, Diário Reflexivo, 2012). Ao contextualizar essa frase, a AP narra que também vivencia dificuldades semelhantes em sua função de professora.

Já AP3, apresenta em seu diário uma avaliação do desenvolvimento de uma de suas regências:

Nossa aula foi muito produtiva, no entanto, notamos dois pontos negativos: primeiro - entregar apenas uma tabela e um gráfico para a dupla, as crianças todas queriam participar na construção de ambos. A tabela não tinha jeito, porém na construção dos gráficos sugerimos que uma criança construísse o de sabor do sorvete e o outro do sabor da cobertura. Segundo ponto negativo – por conta da mudança inesperada, tanto para nós quanto para a escola da aula de PROERD, sentimos que as crianças perderam um pouco o entusiasmo ao retomarmos à aula. Contudo nossa aula foi produtiva e os alunos participaram bastante. (AP3, Diário Reflexivo, 2012)

A análise da AP nos oferece condições de refletir sobre o cotidiano dos professores, as mudanças a que estão sujeitas as aulas e o processo pedagógico.

Outra dificuldade apontada é a questão do tempo e a angústia em se organizar entre o trabalho, o Curso e o estágio.

Chegar ao final de mais uma etapa deste processo de formação é, contudo, muito gratificante, aquela insegurança de que tudo pudesse ou não dar certo é deixada para trás. Também a quantidade de relatórios que me preocupava no início foi sendo superada aos poucos com os prazos que envolveram uma

quantidade de dias favoráveis à boa execução dos mesmos. (AP4, Diário Reflexivo, 2012)

Além dessas constatações diante dos Diários Reflexivos, verificou-se que as APs, no momento de elaborarem os registros, apresentam o cabedal constituído ao longo de seu processo formativo, seja em nível médio, na formação obtida entre os pares, em sua experiência pessoal, na formação cotidiana que é permitida pela prática e também a formação teórica proveniente de estudos no Curso de Pedagogia. Contudo, objetivamos analisar de que maneira **o bojo teórico construído no Curso fomentaram a reflexão e elaboração dos Diários Reflexivos.**

Nesse sentido, observamos que AP1 apresentou reflexões e comentários conectados com a teoria, embasados em leituras realizadas ao longo do Curso, o que lhe permitiram uma visão sobre suas ações, autoanálise e releitura de suas observações ao redigi-las no Diário Reflexivo. Ainda assim, não foi possível observar referências ou citações que nos remetiam aos materiais estudados.

No caso de AP2, professora da esfera estadual, percebemos que suas reflexões, assim como as de AP1, estão baseadas em diversas experiências obtidas ao longo dos anos de exercício docente. Entretanto, uma referência muito presente em seu diário é quanto à proposta pedagógica do Programa Ler e Escrever, presente em todas as escolas públicas do estado de São Paulo. Dessa maneira, também podemos verificar que há indícios de reflexões conectadas com teorias, fomentadas na formação continuada proposta pela escola, por orientação da Secretaria de Estado da Educação (SEE-SP).

Finalmente, dois diários nos chamaram a atenção pelo modo como as APs refletiram e teorizaram suas reflexões com o conteúdo estudado no Curso de Pedagogia. Para exemplificarmos algumas teorizações das aprendizagens e experiências construídas no estágio, elucidamos o trecho abaixo.

A diretora nos afirmou que o PPP não está pronto por completo, devido a falta de dias para se reunirem (gestão/professores/conselho). Ela, enquanto gestora acredita na gestão democrática, na dialogicidade tanto da equipe gestora quanto dos professores. A escola prevê um trabalho pautado no diálogo, o que segundo Paulo Freire, estimula a prática de uma educação libertadora, com vistas a construção de um mundo mais humano. (AP3, Diário Reflexivo, 2012)

Observamos apontamentos críticos e reflexivos que a AP traz em seu diário, refletindo a teorização do trabalho pedagógico vivenciado na escola em que o estágio foi realizado.

Outra teorização recorrente traz à baila as reflexões em que as APs referem-se à prática pedagógica das TRs. Elas relatam situações observadas e vivenciadas na prática do estágio que promovem a reflexão acerca da profissão docente e não apenas da professora observada.

A partir de nossas análises, corroboramos com Pimenta e Lima (2008) quando discutem que:

[...] o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em

questionamento, uma vez que as teorias são explicadas sempre provisórias da realidade. (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 43).

Por fim, notamos que os Diários Reflexivos apresentam processos de escrita elaborada e expressam a formação obtida ao longo da vida profissional e pessoal.

4. Algumas considerações

Compreendemos que o processo de teorizar sobre experiências e conhecimentos, acompanha o professor ao longo de sua formação e atuação profissional, não se cristalizando em momentos específicos como no estágio do curso de Pedagogia. Em cada processo ele constrói teorias e explicações nem sempre definitivas que podem receber diferentes interpretações, conforme o contexto histórico e a sua experiência de vida e formação.

Na ação em sala de aula, o professor pode ficar atribulado com os afazeres do cotidiano e não conseguir, de fato, observar o que está acontecendo para pensar sobre isso. O período de estágio pode fornecer elementos para possibilitar que essas alunas-professoras se coloquem em movimento para observar, analisar e buscar teorizar as vivências.

O estágio pode ser um espaço de experimentação, pois pode possibilitar que professores em exercício, como as alunas-professoras que tiveram seus Diários Reflexivos analisados neste estudo, se atentem para aspectos do processo de ensino e aprendizagem que não atentariam no dia-a-dia da sala de aula. Afastar-se da sua sala de aula e interagir em outra sala com uma tutora regente, permitiu às participantes do estudo, pensar sobre a própria prática pedagógica e a do outro. E, com isso, o Diário Reflexivo constituiu-se em uma ferramenta que potencializou esse pensar.

5. Referências

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** v. 23, n. 1-2, Jan. 1997.

MARCELO, Carlos; VAILLANT, Denise. **Desarrollo profesional docente: cómo se aprende a enseñar?** Narcea, S.A. de Ediciones, 2009. 176 p.

MIZUKAMI, Maria Graça Nicoletti et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação.** São Carlos: EdUFSCar, 2003. 203 p.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio supervisionado na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2006. 224 p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2008, 296 p.

RAMOS, Rosaide Pereira dos Reis. **A formação inicial em serviço**: lugar de encontro e de (re)significação do ser-saber-fazer de professores. 2011. 274f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SHULMAN, Lee. Professional Development: Learning from Experience. In: WILSON, S. M. (Ed.). **The wisdom of practice**: essays on teaching, learning and learning to teach. 1. ed. United States of America: Jossey-Bass, 2004, p. 501–520. (The Jossey-Bass higher and adult educational series).

SOUZA, Ana Paula Gestoso de et al. A escrita de diários na formação docente. **Educação em Revista**. vol. 28, n.1, p. 181-210, mar., 2012.

SOUZA, Eliseu Clementino de. Narrativas, estágio supervisionado e formação inicial de professores. In: BARBOSA, Raquel Leite Barbosa (Org.). **Formação de educadores**: artes e técnicas, ciências e políticas. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 581-593.

ZABALZA, Miguel Angel. **Diários de aula**: Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994. 208 p.